

**FACULDADE DE NATAL-FAL
COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PÓS – GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

A INDISCIPLINA E O DESINTERESSE PELAS AULAS

Antonia Maria de Jesus Neta – Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN. Professora da Rede Estadual e Municipal de Natal-RN.

RESUMO: Este artigo apresenta o resultado da investigação bibliográfica, envolvendo parte relativa à delimitação do problema que foi pesquisado, bem como os instrumentos utilizados para coleta de dados, discussão teórica, análise e conclusão. A pesquisa foi realizada com uma turma de alunos de uma escola pública, na cidade de Natal-RN, onde a questão da indisciplina e o desinteresse pelas aulas ocupam quase todo o tempo destinado aos professores no intervalo das aulas, bem como, nos encontros e reuniões pedagógicas entre professor x professor, professor x pais, professor x direção x equipe pedagógica. Desse modo, em busca de solução para o problema, a pesquisa aplicada analisou através de uma intervenção pedagógica construída na coletividade, baseada no interesse dos alunos, se realmente contribuía para minimizar a indisciplina e despertar o interesse pelas atividades escolares. Este estudo é apenas uma amostra da real situação em que se encontram boa parte das salas de aula brasileiras. Propõe o aprofundamento do problema, em virtude da necessidade de uma investigação mais minuciosa, que possa beneficiar tanto o aluno, quanto os educadores envolvidos no processo de aprendizagem, cuja credibilidade atualmente vem sendo tão questionada a sua credibilidade.

Palavras – chave: Indisciplina, desinteresse pelas aulas, construção coletiva.

ABSTRACT: This article shows the result of the bibliographic investigation, involving al part relative to delimitation of the problem that is search, as well as the instruments utilized for information collection, theoretician discussion, analysis and conclusion. The search was realized with a group of students of a public school, in the city of Natal-RN, where the question of indiscipline and the disinterestedness about the class, occupy almost all the time destined for teachers in the break of the class, whit should be to rest. As well as, in the pedagogies meetings and reunions between teacher x teacher, teacher x parents, teacher x direction x pedagogic staff. Thus, in quest of a solution for the problem, the search applied analyzed through a pedagogic intervention have built in collectivity, have based on student' interest, if it really contributed to minimize the indiscipline and to awake the interest about scholars' activities. This study is just a sample of the real situation that is in a good part of the Brazilian classrooms. And it proposes to make a profound study of the problem, just of the necessity of an investigation more circumstantial that can benefit the students, as the educators involved in the apprenticeship processes, that nowadays has been so questioned your credibility.

Key – Words: Indiscipline; disinterestedness about the class; construction collective.

1 INTRODUÇÃO

Estudos comprovam que a questão da indisciplina em sala de aula, acoplada à ausência de motivação, são fatores que interferem no processo de aprendizagem.

A problemática da indisciplina em sala de aula atualmente vem ocupando cada vez mais lugar de destaque no interior das escolas brasileiras. Vários fatores podem contribuir para que a indisciplina ocorra, por exemplo a falta de limites da família, pois boa parte dos pais hoje têm dificuldade de educar seus filhos. E, em muitos casos, a falta de estrutura familiar, pois as crianças (ou adolescentes) vivem em total condição de miséria, ficando à mercê da escola toda a responsabilidade com a educação dos alunos.

O que acontece atualmente em grande parte das escolas públicas brasileiras, com a massificação das camadas populares nas escolas, mostra que boa parte dos pais não entende o papel da escola, e também professores que não foram preparados para atender essa demanda, uma vez que a escola também não sofreu nenhuma reforma de estruturação para recebê-los. Nesse caso, cabe ao docente a dura tarefa de enfrentar o desafio quase que sozinho, quando se sabe que as situações pedagógicas não podem ser resolvidas isoladamente, uma vez que elas requerem uma decisão com todos os envolvidos no processo de formação do educando.

Enquanto isso, a indisciplina em sala de aula ocupa lugar de destaque, e o professor perde a maior parte do tempo que deveria ser dedicado às atividades pedagógicas, tentando buscar saída para o dilema que se alarma a cada dia, sem solução.

O professor, diante deste contexto de indisciplina desenfreada, tenta a todo custo descobrir meios para minimizar a problemática sem muito sucesso. Primeiro, porque a escola não está preparada para atender a esse tipo de aluno, que não aceita as regras impostas no interior das escolas que já estão ultrapassadas, sem nenhuma adequação aos interesses dos jovens de hoje. Em segundo lugar, o mundo lá fora está cheio de atrativos, portanto é lógico que os adolescentes preferem buscar a diversão a ficarem sentados durante quatro horas.

E agora, o que fazer para que os alunos sintam-se interessados em participar das atividades escolares, interagindo como sujeitos desse processo histórico na construção da sua formação?

Observa-se que, a sociedade vive em constante transformação, o educando sofre influência dessa sociedade na qual está inserido, e influencia também, mas a escola não evoluiu como deveria no mesmo espaço de tempo. E assim, professores e alunos sentem-se perdidos, nesse turbilhão de modificações, por isso é evidente que as conseqüências sejam

caóticas, o que contribui excessivamente para o fracasso escolar, além disso, transparecendo na forma de indisciplina em sala de aula.

Ao contrário do que muita gente prega por aí nos discursos: que a indisciplina é consequência dos devaneios de professor, as coisas no interior das salas de aula não se realizam dessa forma. Existem educadores preocupados em proporcionar uma educação de qualidade para seus alunos, mas o professor sozinho não consegue resolver os problemas, que, aliás, não são poucos, por isso, só tem condições de avaliar a verdadeira situação quem realmente está envolvido no processo.

Desse modo, e com base nos depoimentos de professores no campo de pesquisa, fica evidente que a questão da indisciplina tem sido um dos fatores que mais contribui para o baixo rendimento em sala de aula. Em virtude desse fato, surgiu a necessidade de uma intervenção pedagógica na escola, campo da pesquisa, visando minimizar essa problemática.

O objetivo da intervenção foi analisar as causas da indisciplina através de atividades diversificadas, ouvindo e dialogando com os alunos sobre assuntos do seu interesse, até por saber da multifatorialidade da questão.

A intenção é a de contribuir e oportunizar aos sujeitos ativos que fazem a escola, a engajar-se nessa proposta de enfrentamento do problema da indisciplina, buscando a conscientização e reflexão, de maneira que se possa construir algo diferente a partir do interesse dos alunos.

As modificações por que passa a sociedade, exigem dos educadores um trabalho de desvendamento da realidade social, para melhor compreendê-la e agir sobre a mesma.

A escola compreende ser necessário o resgate de um ensino de boa qualidade para os alunos, a fim de que possam apropriar-se do saber universal, dentro de uma visão crítica.

É no sentido de desvelar o homem que o projeto busca uma pedagogia engajada a uma concepção de sociedade e política. O que significa desvelar o homem no nosso propósito? Significa elaborar perguntas e hipóteses em torno de um ser enigmático. É convidar a todos os professores a olhar o aluno contextualizando o seu momento, no seu processo de transformação da história.

Desse modo, acredita-se que a busca de uma nova abordagem de intervenção pedagógica possa iluminar saídas para a minimização da problemática da indisciplina.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A problemática da “(in) disciplina” atualmente deixa muitos professores perplexos e até de mãos atadas. Para muitos é a falta de limites da família, para outros o caos, pois a situação em sala de aula chega a ser insustentável. O fato é que a questão se apresenta de forma alarmante em algumas escolas.

A indisciplina pode ser entendida de várias maneiras visto que o seu conceito está relacionado ao conjunto de normas e expectativas que percorrem ao longo do tempo, entre as diferentes culturas e numa “mesma sociedade”.

Para (RÊGO, 1995, p. 84)

“As normas disciplinares que pautam a educação das crianças e jovens, assim como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado, não somente se transformam ao longo do tempo como também se diferenciam no interior da dinâmica social”.

Isso quer dizer que o significado da disciplina depende do contexto histórico, dos valores morais que lhes são atribuídos nas relações escola-sociedade. O homem como um ser em evolução, depende dos valores, que lhes são repassados no seu meio social, pode ou não influenciar seu comportamento de maneira que muitas vezes estes são considerados inadequados, dependendo da sua manifestação, ou ainda, ocorrer sobre vários determinantes. De acordo com (TIBA, 1996, p 137),

“Vários motivos podem levar um aluno a não se comportar adequadamente em atividades que necessitem de uma integração funcional com outras pessoas. Os principais são: distúrbios de ordem pessoal, relacionais e demandas de professores”.

É importante que os educadores conheçam as etapas de desenvolvimento das crianças e adolescentes, para que mudem o relacionamento com eles, facilitando assim, uma relação interpessoal. Procurando evitar atritos que contribuem para o descontentamento dos alunos e assim piorar a situação.

Um mesmo adolescente pode comportar-se de diferente maneira, conforme a fase em que se encontra. Quanto mais equilibrado for o jovem, menos acentuadas e perturbadas serão todas as etapas. Se estas se apresentam mais visíveis, sofrerão mais na passagem pela adolescência.

É necessário que pais e educadores amadureçam juntos com o desenvolvimento dos filhos e alunos. “Na escola, o desempenho escolar na fase pubertária, pode complicar quando surgem as questões que requer do aluno o pensamento abstrato. Principalmente na 5ª série, devido ao maior número de professores e matérias” (TIBA, 1996, p 144).

Desse modo, as mudanças curriculares acontecem acompanhadas de um maior número de professor para cada disciplina, com metodologias diversas e tomadas de decisões diferentes. É nessa série também que é cobrado do aluno maior maturidade, quanto a utilização do “pensamento abstrato enriquecido, lógico, hipotético e generalizado em detrimento da memorização e repetição”, o que nem sempre acontece.

“É necessário ter clareza sobre as características normais da idade, compreendê-las ajuda a estabelecer limites na adolescência” (Zagury, 2001, p. 146). Ainda segundo a autora, “o diálogo” é a saída ideal para uma convivência saudável.

É importante o conhecimento por parte dos educadores das fases de desenvolvimento dos educandos para que, cientes dos distúrbios, possam compreender melhor os adolescentes, no sentido de evitar conflitos, bem como do seu papel de educador, que começa a existir quando se tem como objetivo o aprendizado do aluno.

CURY (2003) ressalta que, “o diálogo é uma ferramenta insubstituível. Pois a verdadeira autoridade é conquistada com inteligência e amor. (...) por traz de cada aluno arredio, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto”.

Sabe-se que o diálogo é fundamental em qualquer relacionamento, não seria diferente com os adolescentes. É visível na adolescência a irritação demonstrada por eles, quando alguém contraria os seus desejos ou interesses pessoais.

Estudos anteriores sobre esta temática comprovam que a questão da indisciplina em sala de aula, acoplada a ausência de motivação são fatores que interferem no processo de aprendizagem. “Pesquisa realizada com 1.172 professores entrevistados em 42 cidades brasileiras (de 22 estados) do Ensino Fundamental e Médio (de escolas públicas e privadas)”, pela educadora e escritora Tânia Zagury, (2006, p.3) mostra que “manter a indisciplina em sala de aula (22%) e motivar os alunos (21%) foram os problemas mais apontados”. Estas questões estão interligadas para muitos educadores.

Ainda segundo a mesma autora, o professor cada vez mais assume atribuições, a sobrecarga também é muito grande e ainda tem que, “lidar com alunos sem limites, mal educados, agressivos e dispersos”.

A ausência da família atualmente é uma prática cada vez mais freqüente, na luta pela sobrevivência, muitos pais relegam a escola toda responsabilidade pela educação dos filhos. Cabe aos professores a difícil tarefa de assumir o que antes era dever dos responsáveis, isto é, ao professor não cabe só mediar a construção do conhecimento sistematizado ao educando, mas lidar com todos os tipos de problemas que são de origem: social, econômica, desestruturação familiar, distúrbios de comportamentos, etc. Como afirma (VASCONCELLOS 1995, p. 102),

“Percebemos atualmente duas realidades que entram em contradição nas famílias: ou a falta de ‘regras,’ ou a exigência autoritária de normas. Algumas vezes, por um medo interior de não serem aceitos, os pais acabam por não estabelecer e/ou não fazer cumprir os limites, conduzindo a um relacionamento permissivo. Outras vezes, por necessidade de fazer alguma coisa, mas sem clareza, terminam impondo limites, sem explicar a razão. Esta situação pode ser superada pelo diálogo, com “afeto e segurança, chegando a limites razoáveis”.

A questão da indisciplina muitas vezes também perpassa por várias situações, onde deve ser canalizada para a superação do indivíduo no sentido de promover seu crescimento superando as pressões e as injustiças a eles impostas durante os primeiros anos de vida.

E o professor como fica com essa situação? Será que a sua formação é suficiente para enfrentar o cotidiano da sala de aula, onde os alunos apresentam interesses e comportamentos diferentes? Para MACEDO (2005, p 46), docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, “parte da dificuldade do professor em lidar com a questão está em sua formação”. Ele afirma “que o professor precisa respeitar as diferenças, mas tratar todos de um modo justo”.

A igualdade de direitos é fundamental na relação professor / aluno, não existe o respeito mútuo se uma das partes falharem no tratamento. Portanto o respeito as diferenças individuais de cada educando é essencial para um bom relacionamento, pois cada ser humano apresenta-se de forma peculiar com suas características e interesses que precisam ser respeitados, mas com justiça.

Para (VASCONCELLOS 1995, p 44), “no processo de construção da disciplina consciente e interativa, há que se enfrentar a alienação, a brutalização tanto do próprio educador, quanto do aluno (bem como dos pais, etc.)”.

Cabe ao professor mediar o processo de construção da participação coletiva dos alunos em sala de aula, não se omitindo do seu papel de coordenador, interagindo de forma ativa, buscando a combinação das diferenças, com a contribuição individual de cada elemento.

Atualmente o educador carrega toda responsabilidade de sala de aula nas “costas” e isso vem gerando situações cada vez mais difíceis de resolver, resultando em conflitos na relação professor x aluno, que a cada dia só tende a piorar já que a escola faz vista grossa para determinados problemas, que requer por direito, o envolvimento de todos os elementos envolvidos no processo de formação do indivíduo integral: como cidadão crítico, participativo e ciente dos seus direitos e deveres, em sociedade.

‘(...) a escola não pode se eximir de sua tarefa educativa no que se refere à indisciplina. Se uma das metas da escola é que os alunos aprendam as posturas consideradas corretas (como por exemplo, apresentar atitudes de solidariedade, cooperação e respeito aos seus colegas e professores), a prática cotidiana deve dar condições para que as crianças não somente conheçam essas expectativas, mas também construam e interiorizem estes valores, e, principalmente, desenvolvam mecanismo de controle reguladores da sua conduta’. (VYGOTSKY, citado por REGO, 1996, p. 99).

Portanto, se a escola enquanto instituição não vem assumindo seu papel da forma como deveria, a quem recorrer? Já que a família também sofreu transformações nas últimas décadas, principalmente no que diz respeito à questão do limite. Essa questão vem sendo discutida por educadores, psicólogo, enfim não é aleatoriamente que vem sendo alvo de questionamento com relação ao âmbito familiar.

“Os traços que caracterizarão a criança e o jovem ao longo de seu desenvolvimento não dependerão exclusivamente das experiências vivenciadas no interior da família, mas das inúmeras aprendizagens que o indivíduo realizará em diferentes contextos socializadores, como na escola” (REGO, 1996, p. 98).

Nesse caso, é papel da escola promover a socialização dos educandos com aprendizagens significativas que proporcionem oportunidades de novas experiências, onde possa provocar mudanças no processo de desenvolvimento e comportamento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O problema foi delimitado na instituição escolar com maior ênfase e de forma generalizada pela pesquisadora e os professores foi: a “indisciplina em sala de aula”. Discussão em grupo com os educadores, para conhecer sobre as razões pela qual o problema desta turma merecia ser pesquisado, aconteceu em virtude de ser a grande problemática enfrentada pela comunidade no dia-a-dia, em sala de aula. Assim de comum acordo, através de encontros e reuniões, resolveu-se investigar.

Inicialmente a técnica de pesquisa utilizada foi à aplicação de questionário com perguntas fechadas e abertas junto aos alunos e aos professores da turma em questão. Neste caso, o foco seria saber do educando sua opinião sobre a escola; disciplina que eles mais encontram dificuldades; a (s) que mais gostam; o que eles (alunos) fariam se fosse professor para que os alunos gostassem das aulas?

Com relação aos professores, as questões foram relativas à prática pedagógica, conforme relato a seguir: disciplina que leciona; formação profissional; se gostam da profissão e por quê? Mudariam de profissão se tivessem oportunidades? Qual o maior problema que enfrentam em sala de aula? Que tipo de metodologia utilizam? Trabalham na linha construtivista ou tradicional? Quais os instrumentos de avaliação utilizam para avaliar o rendimento dos alunos?

Após a constatação dos interesses e dificuldades da turma, bem como a amostra dos resultados da atuação do professor quanto a sua prática pedagógica, realizou-se uma reunião para que fossem analisados os questionários dos alunos e a partir daí, definir as intervenções pedagógicas possíveis, com o objetivo de minimizar a problemática da indisciplina.

Assim em conjunto com os educadores decidiu-se elaborar um projeto onde tinha como objetivo: ouvir e dialogar com os alunos do 6º ano “B”, sugestões que pudessem despertar o interesse pelas atividades de sala de aula, no sentido de contribuir efetivamente para o desempenho escolar, buscando amenizar a indisciplina.

Iniciou-se então em novembro de 2005, a elaboração do projeto, com a previsão de duração para 30 dias e aconteceu que a partir daí, foi feito um horário especial sem alterar o que já havia sido feito conforme distribuição de cada disciplina. O que se combinou nesse “novo” horário é que, no dia que o professor tivesse duas aulas seguidas na turma, então ele (professor) dedicaria uma das aulas para desenvolver o projeto.

Em primeiro lugar cabe a escola integrar o aluno as suas novas responsabilidades, levantando o que ainda não sabe. Em segundo lugar o adolescente tem como principal tarefa na fase (dos 12 aos 16 anos) a de construção das operações formais próprias da inteligência formal, citados por Piaget. Pois através das operações formais, o sujeito começa a pensar sobre proposição ou declaração feita a respeito de um conteúdo relacionado, baseado nas formas, isto é, símbolos matemáticos ou esquemas verbais. Estes tipos de raciocínios podem ligar proposições que são admitidas para que possíveis conseqüências de atos possam ser verificadas, antes que aconteçam na realidade.

Daí realizou-se reunião com os pais dos educandos, conforme o planejado, para comunicá-los da intervenção que se estava procedendo, para minimizar a indisciplina em sala de aula. Os educadores pediram o empenho dos pais no sentido de acompanhar as atividades escolares dos filhos, para que juntos escola x família pudessemos ajudar a elevar a auto-estima da turma, visando alcançar os objetivos propostos.

No decorrer do desenvolvimento do projeto houve duas reuniões com os professores para avaliação dos procedimentos ministrados, além de conversação sobre o andamento das atividades planejadas.

No início do ano letivo de 2006, durante a Semana Pedagógica, uma psicóloga ministrou uma palestra sobre “Limites e Afetividade” para os educadores dos três turnos, a convite da Direção da Escola, a qual foi bastante proveitosa e com certeza contribuiu de alguma forma para a formação do educador, em virtude da relevância do tema que é tão discutido e questionado pelo os professores e equipe pedagógica, a falta de “limites” dos alunos desta instituição, bem como o “afeto”. Pois um trabalho disciplinador requer também que se desenvolva uma relação de afetividade, talvez este relacionamento seja um dos “ingredientes” que está faltando.

Em março de 2006, no 1º encontro pedagógico dos educadores do turno matutino, um dos objetivos do era pedir sugestões para as atividades pedagógicas que seriam desenvolvidas durante o ano letivo. Assim, no 2º encontro com os professores, para discutir sobre os Projetos elaborados no (s) ano(s) anterior (es), (a escola vem desenvolvendo os projetos: “Meio Ambiente e Qualidade de Vida – Revitalização da Escola”, Cinema Nacional: “Um Resgate da Cultura Brasileira” e outros, etc.).

Dando continuidade à pesquisa, o passo seguinte então foi fazer o levantamento do número de alunos do 6º Ano “B”, quais os novatos e repetentes na série; novatos na escola; a faixa etária etc.

A próxima etapa foi aplicação dos questionários como havíamos feito com a turma investigada em 2005, visando conhecer um pouco mais os sujeitos envolvidos no processo de investigação; assim como realizar uma reunião com os pais para conhecermos melhor a situação familiar dos alunos. A organização familiar é de suma importância, pois, para que haja a divisão do tempo das matérias introduzidas, é necessário que sejam reconhecidas e assimiladas todos os dias.

Convidou-se então uma psicóloga para ministrar uma palestra sobre auto-estima e limites para a turma, onde além da palestra os educandos tiveram oportunidade também de expor suas angústias e conflitos existenciais. Porém antes da palestra, realizou-se uma reunião com os educadores para que a palestrante se inteirar-se dos problemas que estavam ocorrendo, bem como conhecer um pouco a realidade da turma.

4 RESULTADOS / DISCUSSÃO

Os resultados observados durante e após as intervenções que aconteceram em dois momentos: (conforme os relatos anteriores): a primeira etapa com uma turma no final do ano letivo de 2005 e a segunda etapa nos primeiros meses do ano de 2006, que tinha como objetivo analisar até que ponto uma intervenção pedagógica voltada para os interesses dos alunos, contribuía para minimizar a indisciplina em sala de aula.

É importante que os alunos participem das atividades pedagógicas, pois como um ser histórico ele tem todo direito de expressar sobre os seus interesses, o que é ou não relevante para a sua formação. A interatividade com certeza só vai contribuir para minimizar os conflitos de sala de aula, haja vista que a construção coletiva só acontece se houver participação de todos os envolvidos no processo. O aluno hoje deixou de ser um mero receptor dos conhecimentos e cabe ao professor promover a mediação desses conhecimentos, através de projetos que possam realmente ser desenvolvidos no sentido de proporcionar ao educando o seu crescimento de forma significativa.

Segundo (AMARAL, 2000, citado por SANTOS, 2006, p. 50),

“Há vários tipos de projetos: aqueles cujo objetivo é resolver problema de ordem prática; aqueles cuja finalidade é o estudo de um assunto de interesses dos alunos; outros que visam ao aprimoramento de uma determinada

habilidade do educando. Nos projetos a duração depende da hora, dias ou meses, depende do grau de complexidade. O projeto deve ser planejado, sem ‘fases rígidas’. Devendo estar articulado com a intenção de sua investigação; portanto, o problema da situação é a principal característica dos projetos de trabalho, enquanto o momento da sua geração deve estar ligado às experiências prévias e significativas dos alunos, na busca pela resolução de alguma problematização”.

Os professores ressaltaram a importância do Projeto: “A indisciplina e o desinteresse pela as aulas” desenvolvido no final de 2005, junto aos alunos da 5ª série “B”. Segundo depoimento dos professores, a atual turma do 6º ano “B” (nova nomenclatura dada à antiga série, conforme já foi relatado neste documento), tinha vários alunos repetentes e a turma vinha apresentando os mesmos problemas de indisciplina. Foi sugerido então o implemento do projeto para desenvolver com a turma.

Observa-se mais uma vez, que a questão da indisciplina e da repetência na maioria dos casos está muito próxima, o que mostra que quando o aluno não consegue ser promovido para a fase seguinte, o seu comportamento é afetado em virtude da ausência de estímulo, contribuindo de forma negativa para a sua auto-estima.

“Temos que analisar a gênese do problema, a história do aluno e/ou da classe: que experiências tiveram nos anos anteriores, que visão tem da escola, da disciplina, da matéria específica, do professor” (VASCONCELLOS, 1995, p.90).

Contatou-se que, a primeira turma apresentou avanços significativos de acordo com os depoimentos de alguns dos professores envolvidos no trabalho de pesquisa, com relação: ao comportamento indisciplinado dos alunos em sala de aula; quanto fora (nos corredores e pátio da escola); no relacionamento com os colegas e um pouco de interesse pela as aulas. A intervenção foi válida porque contribuiu para minimizar em parte a indisciplina em sala de aula. Em parte por quê? Porque não foi suficiente para atingir toda a turma.

Cada educando apresenta características e interesses que são peculiares. Não adianta o professor insistir em obter de todos os alunos os mesmos resultados porque cada ser humano é diferente um do outro, e conseqüentemente assim como os seus interesses, a sua aprendizagem também se dá de acordo com o seu estágio de desenvolvimento.

Para (TIBA, 1996, p.179),

“Disciplinar é um ato complementar, isto é dependendo das características de cada um dos envolvidos, disciplinador e disciplinado. No entanto, algumas características do relacionamento humano são interativas e o resultado final é a relação interpessoal”.

Porém como o projeto teve a duração de apenas 30 dias (início, mês de novembro - só pra lembrar o leitor do período em que foi implantado), vamos nos detalhar mais profundamente com relação aos resultados da turma do ano de 2006.

O êxito de uma intervenção pedagógica varia de acordo com a disponibilidade dos atores envolvidos, do período para ser desenvolvido, da duração que depende da necessidade e do tempo disponível, e, principalmente dos objetivos a serem alcançados, bem como dos procedimentos metodológicos.

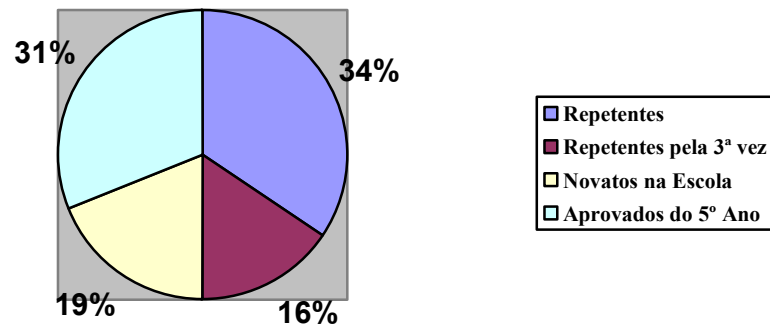
(BARBOSA, 2000, citado por SANTOS, 2006, 49) comenta que,

Para John Dewey “os projetos tinham papel fundamental nas comunidades em miniatura, para estabelecer alguns princípios, tais como: da realidade vivenciada anterior, da prova final, da eficácia social e o de que o pensamento é originado de situações-problemas. Assim para ele o projeto era à busca de solução de um problema levado à realização efetiva em um determinado espaço de tempo, com o compromisso e a transformação dessa realidade”.

Algumas observações precisam ser destacadas com relação à turma em estudo. A finalidade aqui é situar um pouco sobre o tipo de aluno que foi pesquisado, não de forma isolada, mas como um sujeito completo, ou seja, na sua integridade. Pois bem, na turma do 6º ano “B”, composta de 32 alunos matriculados, onde a maioria é repetente na série, alguns estão repetindo a mesma série pela terceira vez e estes estão fora de faixa, sendo 6 novatos na escola, e a faixa etária varia entre 12 e 18 anos. Conforme distribuições dos gráficos a seguir:

Gráfico nº 1

Alunos matriculados na Escola pesquisada



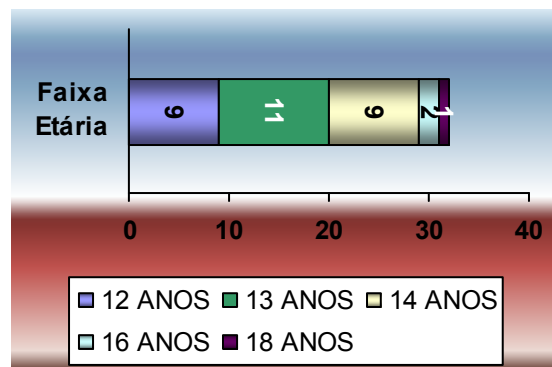
Fonte: Ficha de matrícula 2006.

Diante dos dados constatados, observa-se que o percentual de repetentes ainda é muito alto, levando-se em consideração os anos que a escola vem trabalhando no sentido de reduzir esses números, conforme documento do PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola).

Observa-se que a repetência é um fator crucial na educação, pois o aluno que não consegue ser promovido para a série seguinte fica desestimulado e desacreditado perante a escola e a família. É difícil realmente identificar o verdadeiro culpado, para algumas pessoas a culpa é da escola, para outras é do aluno que não estuda e da família que atribui toda responsabilidade da educação dos filhos a escola. Nesse jogo de empurra, o que se tem de concreto é o fracasso escolar que anos a fio mostra que a educação vai mal.

“Pesquisa divulgada pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura), mostra que no Brasil, a taxa de repetência é de 21% (a pesquisa usa como base o ano de 2002), se assemelha às de Moçambique e Eritréia, que possuem, respectivamente, o 168º e o 161º IDH (índice que mede o desenvolvimento humano em todo o mundo)”. A lista tem 177 países – o Brasil é o 63º. Segundo o estudo, a repetência reflete ‘condições insatisfatórias de ensino e de aprendizagem’. (TAKAHASHI, 2006).

Gráfico N° 2



Fonte: Ficha de Matrícula 2006.

Com relação a faixa etária também como vemos no gráfico 2, há uma distorção idade/série, mas também oportunidade, porque o aluno a partir dos dezesseis anos que por inconveniência de horário, ou por motivo de trabalho não pode frequentar a EJA (Educação de Jovens e Adultos), assim tem a possibilidade de estudar no horário que melhor lhe convenha.

Por motivo de repetência ou por abandono os alunos ficam fora de faixa e assim não conseguem se “encaixar” numa turma com outros que tenham a mesma idade. Desse modo e para que tenha o seu direito garantido, a escola é obrigada a efetuar sua matrícula, ainda que ocorra a disparidade entre idade/série.

Na avaliação de (OLIVEIRA, 2003, citado por GOIS, 2003), “a repetência só vai diminuir significativamente no Brasil quando o país enfrentar a questão do fluxo escolar – alunos estudando nas séries indicadas para a idade – e da alfabetização infantil: ‘Não houve nenhuma reforma na educação que melhorasse o sistema a ponto da taxa cair’ (...)”.

Com relação aos questionários aplicados, apenas 21 alunos responderam que gostam da escola; justificando que gostam dos professores e dos colegas; que as aulas são boas; a escola é organizada; apenas 2 disseram que não gostavam porque os colegas “mexiam” com eles. Perguntados sobre as disciplinas que tinham mais dificuldades, (33%) citaram a matéria de Matemática; e segundo eles, são as aulas dessa disciplina também, que mais participam, seguida de Português. Aliás, apenas 1 (um) aluno respondeu que tinha dificuldade nessa matéria.

Infelizmente a disciplina de Matemática ainda é bastante detestada por alguns alunos que não tiveram a oportunidade de estudar a matemática de forma a perceber que ela faz parte

do dia-a-dia, assim como a linguagem, ambas estão presente em todos os momentos da nossa vida.

Como diz (TIBA, 1996, p. 144), “(...) o desempenho escolar do aluno pode complicar quando começam a surgir questões que exigem dele o pensamento abstrato, como na matemática (...)”.

Um fato bastante interessante com relação à aceitação da escola por parte dos educandos, pois de acordo com o levantamento, a maioria deles gosta da escola, como também dos professores. Além de atribuírem qualidades as aulas ministradas. Daí vem à interrogação: Se os alunos gostam da escola, dos professores e das aulas, porque demonstram desinteresses pela as aulas e apresentam comportamentos indisciplinados?

A resposta a esta questão, nos leva a crê que a escola não está desenvolvendo bem o seu papel. Nesse caso, ela (escola) precisa rever a sua verdadeira maneira de educar. Educar aqui no sentido de: para quem? E para quê?

Para (CUNHA, 2006, citado por TAKAHASHI 2006), “uma das justificativas para o grande fracasso é a ausência de estrutura para o professor. Eles não estão preparados para ensinar alunos com dificuldades socioeconômicas”.

Ainda tratando-se do questionário, a posição da turma com relação à pergunta: o que faria se fosse professor? As opiniões foram individualizadas, pois nenhuma das idéias sugeridas por eles fora repetida. Para alguns a atitude do professor em sala de aula está correta. Existem aqueles que sugeriram aulas mais dinâmicas, há aqueles que não fariam tanta exigência, e ainda o que explicaria mais, etc.

Na realidade o que se observou é que cada aluno, assim como qualquer profissional tem o seu posicionamento e interesse que de acordo com a sua visão de mundo, de postura, de formação, enfim, as pessoas podem até aproximar o seu interesse pessoal e demonstrar comportamento parecido, mas geralmente se diferencia em algum ponto.

“Numa perspectiva psicológica, o sujeito que age autonomamente é aquele em que a fonte das regras está em si próprio, em sua capacidade racional de discernir entre o certo e o errado.” (ARAUJO, 1996, p. 106).

Na reunião realizada com os pais, esperava-se que a frequência fosse de pelo menos 50% dos responsáveis no dia e horário agendado, mas foi preciso muita insistência dos educadores em conversar com esses pais, insistência e perseverança nas atitudes tomadas coletivamente. Seja através de comunicado por escrito; telefonemas; recados; enfim, tudo que estava ao alcance da equipe pedagógica e dos professores. E o resultado é que dos 32 alunos, apenas um responsável não compareceu, e foi justificado pelos vizinhos de que é uma família

bastante desestruturada e que a maior parte do tempo à aluna fica com uma tia doente. Ressalta-se, porém que, a aluna em questão não demonstra nenhum comportamento indisciplinado, mas precisa de acompanhamento e/ou ajuda no processo de aprendizagem.

A ausência dos pais as reuniões é um fator que vem sendo questionado por parte das escolas, sabe-se que por mais que se reflita sobre o assunto, fica sempre a interrogação e a frustração do professor nesses eventos escolares, pois é um momento bastante esperado, devido aos inúmeros problemas enfrentados no cotidiano escolar. E o que acontece geralmente é que os pais presentes são exatamente aqueles que já acompanham os filhos com frequência regular a escola.

(VASCONCELLOS, 1995, p. 64), Lembra,

“Que não podemos deixar de fazer um trabalho só porque não há participação de maciça dos pais; mesmo que haja um grupo relativamente pequeno, podemos fazer um trabalho muito significativo, uma vez que este grupo pode funcionar como uma espécie de ‘janela’ para o entendimento da realidade mais geral dos pais da escola e ampliar a possibilidade de contatos mais abrangentes”.

A família também sofreu transformações influenciadas pela sociedade, e cada vez mais tem se distanciado da formação de valores e limites na educação dos filhos; transferindo para a escola parte da responsabilidade que era exercida no lar. Outro fator que contribui para que as famílias se distanciem da educação dos filhos é a falta de conhecimento do verdadeiro papel da escola, que é o de educar para a vida.

Ainda segundo (VASCONCELLOS, 1995, p. 64),

“(…) uma das melhores formas de se atingir a família é através dos próprios filhos; daí a relevância da escola desenvolver um trabalho participativo, significativo, em que realmente o aluno se envolva e entenda o que está sendo proposto para ele. Desta maneira, o próprio filho terá argumentos para ajudar os pais a compreenderem a proposta da escola”.

Percebemos em conversa com os pais e de acordo com as respostas dos questionários, que a maioria dos alunos gosta da escola, também gosta dos professores, dos colegas, etc. Quando questionados sobre o que fazem após as aulas? Responderam que ajudam nos afazeres de casa e também fazem as tarefas escolares em casa. Infelizmente essa última,

segundo os professores não condiz com a realidade, conforme depoimento de alguns professores, boa parte da turma não trazem as tarefas que levam para casa e alguns alunos também não quer envolver-se com as atividades desenvolvidas em sala de aula.

O que se vê na sala de aula é que o aluno que não se interessa em participar das aulas são os mesmos que não realizam também as tarefas ministradas para casa. Ora, se o educando não demonstra interesse em interagir com o seu grupo durante as atividades em sala, que interesse ele tem em fazê-la sozinho.

“A disciplina para o estudo é uma conquista obtida por meio de um longo treino. O aluno deve organizar-se de modo a colocar o estudo como prioridade nos momentos certos. Como qualquer hábito adquirido por meio da disciplina, torna-se muito fácil aprender quando se adquire o hábito de estudo”. (TIBA, 1996, P. 110)

Segundo a psicóloga que ministrou a palestra sobre auto-estima para a turma, no seu relato, ela colocou que sentiu durante a conversa com os adolescentes a ausência muito forte dos pais na vida escolar dos filhos, como também uma carência de afeto muito grande.

Nessa fase os adolescentes buscam um equilíbrio mental mais duradouro apoiando-se em dois pilares: “o mundo interno (mente – corpo) e o mundo externo (meio ambiente)”. Se ocorrer a falha de um, então ele mantém-se apoiado no outro. A ausência dos dois ocorre à perda do equilíbrio. É necessário, portanto, que “o mundo externo (vida escolar-familiar)” não venha a falhar para que o adolescente tenha as condições mínimas de se organizar no mundo interno.

CURY (2006, p. 38), aconselha que os “pais estimulem seus filhos a ter metas, a procurar o sucesso no estudo, no trabalho, nas relações sociais, (...) a não ter medo dos seus insucessos”.

Os dados registrados aqui foram coletados através da observação dos alunos na sala de aula. As regras seguintes: P1, P2, P3, P4, P5 serão utilizadas para identificar os professores que estavam envolvidos na pesquisa, por disciplina.

P1 - Observou que com o desenvolvimento do projeto junto à turma houve uma redução da indisciplina em sala de aula, mediante as atividades, envolvendo os alunos, tais como:

- A história da vida deles;
- Leitura e discussão de textos reflexivos sobre ética e cidadania;
- Exibição de filmes sobre auto – estima e Temas Transversais;
- Aulas mais dinâmicas etc.

Na medida em que o professor começa a valorizar mais a história de vida do aluno, dialogando e interagindo, dando oportunidade para que ele expresse os seus sentimentos; parece-nos que é um bom caminho para iniciar a construção de um trabalho participativo e coletivo, que com certeza só irá beneficiar a relação professor / aluno. Como também pode elevar a sua auto-estima, contribuindo para a superação da indisciplina em sala de aula.

Para (Guimarães, 1996, p. 80),

“(…) Existe um conjunto de histórias tão diversificadas que precisam ser conhecidas para que os educadores descubram os mundos de onde os alunos provêm. É preciso construir práticas educacionais e pedagógicas que levem em conta as características das crianças e jovens que hoje freqüentam as escolas”.

P2 – Iniciou as atividades através de um texto reflexivo sobre “o acolhimento”, que segundo a professora, de início os alunos não “demonstraram” muito interesse, mas em seguida se envolveram na leitura e discussão. E assim, dando prosseguimento as outras metodologias, seja através de textos, filmes, e outras atividades diversificadas, de acordo com o planejamento, a professora falou que alguns alunos melhoraram, mas ainda existem aqueles desinteressados em realizar as tarefas escolares, bem como, apresentando comportamento indisciplinado e o aprendizado precisando melhorar.

O diálogo é uma receita infalível em qualquer relacionamento, não restam dúvidas da sua importância, mas e quando os conflitos não são apenas conseqüências das falhas em sala de aula? Observa-se que muitos alunos já chegam à escola cheia de problemas oriundos da sua relação familiar, mal resolvida.

Para (VASCONCELLOS, 1995, P.91),

“A atitude de diálogo é fundamental para a superação dos problemas de disciplina. (...) Antes de qualquer coisa, o professor deve tratar o aluno como ser humano, ou seja, acreditar na sua racionalidade: procurar fazê-lo refletir sobre o que está acontecendo, ajudá-lo a compreender as causas do seu comportamento, comprometendo-se mais em colaborar com o aluno (...)”.

P3 – Observou que a maioria da turma demonstra um comportamento razoável na sua sala de aula e que poucos alunos deixam de fazer as tarefas desenvolvidas, como também, mostra um bom desempenho no processo de aprendizagem, na sua disciplina.

A valorização das opiniões e interesse dos alunos dialogicamente, é uma ferramenta que favorece o relacionamento interpessoal. Por outro lado, saber que estão sendo ouvidos e que estão desenvolvendo atividades propostas com a sua participação, já faz com que eles sintam-se motivados e comecem a construir a sua auto-estima. “(...) é na escola que a criança começa a ter seu desempenho julgado e isso faz com que faça uma auto-avaliação. A partir dessa auto-avaliação, a criança vai construindo sua auto-estima” (FERREIRA, 1996, P. 39).

P4 – Para esta professora os alunos continuam indisciplinados, desinteressados e com um baixo índice de rendimento na aprendizagem. Alguns alunos estão com frequência irregular não se envolvendo nas atividades de sala de aula; também não realizam as tarefas de casa.

Às vezes é necessário que o professor também reveja sua prática, buscando uma metodologia diversificada, bem como a forma de relacionar-se com o aluno tem muito a ver com o comportamento apresentado. Sabe-se que não é fácil para o professor lidar com uma turma de educando que não demonstra o menor interesse pelos conteúdos que lhes são relevantes para a sua formação, mas tem que tentar mudar, ainda que a tarefa seja árdua ele precisa conscientizar-se de que o seu papel de educador exige dele essa postura.

Para (FREIRE, 1996, p. 43) “(...) na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

P5 – Na sua concepção os alunos continuam com o mesmo comportamento indisciplinado, a mesma falta de limites e um grande desinteresse em participar das aulas. Ainda apresentam rendimentos insatisfatórios, abaixo do esperado, conforme as competências mínimas exigidas para um aluno do 6º ano.

Exercer a função de professor atualmente está cada vez mais difícil, não é nada fácil conviver com alunos indisciplinados, desinteressados ou ainda aqueles indiferentes ao que está acontecendo ao seu redor. E se tratando de competências, a situação só tende a complicar, levando-se em consideração o resultado da aprendizagem dos alunos hoje, boa parte não demonstra o mínimo de critério exigido para a série atual, ou seja, quando chega ao 6º ano, ele apresenta déficit de um ou mais anos, no seu processo de aprendizagem.

Dados da pesquisa realizada pelo o INEP (Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) do Ministério da Educação (Mec), mostram que os resultados da “Prova Brasil”, que verifica o rendimento do aluno nos “moldes” do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), que são aplicadas nas escolas públicas por amostra desde 1995, divulgou que o Ensino Fundamental no país é deficitário, e no Rio Grande do Norte (RN), ocupa os últimos lugares no ranking de desempenho, 27º colocado”. Pois os alunos da 4ª série (atual 5º ano) “não são capazes de ler e interpretar textos de histórias em quadrinhos e muito menos a identificação das horas (...)”.

Ressalta-se que, houve dificuldade da participação de alguns professores, ou seja, a adesão não foi 100%, mesmo assim deram a sua colaboração. O suporte pedagógico do turno em questão também deu a sua colaboração, desde a elaboração do projeto, como também durante o desenvolvimento deste.

Nem sempre existe nas escolas o interesse comum a todos os envolvidos nas atividades escolares, mesmo quando se diz respeito a uma questão tão crítica como é o caso da indisciplina em sala de aula. Mesmo assim existem aqueles ou aquelas que se omitem em participar de um trabalho coletivo.

“Há necessidade, pois, de se procurar construir uma postura comum entre os educadores (professores, equipe técnica, auxiliares, direção) e educandos (...)”. (VASCONCELLOS, 1995, p. 59)

Analisando o resultado da pesquisa – ação na turma do 6º ano do Ensino Fundamental, observou-se que uma intervenção pedagógica voltada diretamente para o interesse do aluno, por si só, não é suficiente para resolver todo o problema da indisciplina em sala de aula. Mesmo sendo fundamentada numa fundamentação teórica, dialogada no coletivo entre aluno x escola x família, partindo de projetos no sentido de proporcionar uma ação educativa, onde o sujeito passa a transformar a realidade paulatinamente, buscando resgatar sua condição de ser social, na superação das dificuldades e tendo consciência do seu papel na sociedade; infelizmente para a turma em questão é necessário muito mais do que um projeto coletivo.

Ainda para (VASCONCELLOS, 1995, p. 91),

“Há que se estar atento aos alunos mais frágeis, que escapam à coletividade – ou que resistem a ela -, e saber desenvolver uma ação paralela de orientação, também sem discursos, mas que, sucintamente, dê ao aluno condições de compreender as origens de seu comportamento e que permita a superação das suas contradições. (...)”.

Neste caso, se há o interesse e uma intervenção adequada, não deveria existir problema. Resumindo, o fato é que aprender é um processo interno e individual do sujeito e metodologias atuantes do externo para o interno, que pode até ser um ponto de partida estimulador, mas a eficácia é incerta.

Porém vale ressaltar que, todos os alunos não são iguais existem interesses antagônicos e cada um deles se apresenta com suas experiências e culturas que não são comuns à turma. Portanto, nem sempre os projetos atingem todos os alunos.

“Cada aluno traz dentro de si sua própria dinâmica familiar, isto é seus próprios valores (em relação a comportamento, disciplina, limites autoridade etc.)”. (TIBA, 1996, p. 121).

É preciso entender também, que com a democratização da educação, a escola tem recebido diferentes tipos de alunos quanto à origem social, econômica, étnica, valores e outras necessidades; enquanto que, a escola não foi estruturada para recebê-los.

A família também sofreu transformações influenciadas pela sociedade, e cada vez mais tem se distanciado da formação de valores e limites na educação dos filhos; transferindo para a escola parte da responsabilidade que era exercida no lar. Outro fator que contribui para que as famílias se distanciem da educação dos filhos é a falta de conhecimento do verdadeiro papel da escola, que é o de educar para a vida. Segundo TIBA, (1996, p. 170), “os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho / aluno”.

A pesquisa divulga também que, na 8ª série (atual 9º ano), os alunos na disciplina de Português não conseguem fazer a distinção do “sentido metafórico do literal e não conseguem identificar informações, opiniões ou expressões subjetivas. Em Matemática não são capazes de calcular porcentagens ou frações”.

A educação vai mal, disso ninguém duvida, pesquisas mostram o baixo índice no rendimento do aluno. Projetos e mais projetos são desenvolvidos no interior das escolas. Porém o que se observa é que é preciso urgente reestruturar as escolas, bem como investir na infra - estrutura familiar. Outro fator relevante é a formação permanente do professor, com embasamento teórico que lhes dê subsídio para poder atuar diante da realidade que ai está. Consta no documento do (PCN de Língua Portuguesa 1997, p. 41) que:

“Ao longo dos oito anos do ensino fundamental, (atualmente nove anos) espera-se que os alunos adquiram progressivamente uma competência em relação à linguagem que lhes possibilite resolver problemas da vida cotidiana.

Ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado”.

Diante dos dados, observa-se que a realidade da turma pesquisada está bem inserida neste contexto, já que boa parte dos educandos são repetentes e alguns destes, com 2 ou mais anos na mesma série.

Promover a formação integral do educando é um dos objetivos da escola. Mas na prática isso não está acontecendo. Pode-se constatar diante das experiências vivenciadas em sala de aula, que alguns alunos com mais de três anos no mesmo Ciclo de Alfabetização, ainda não consegue lê e nem tão pouco transcrever. É um fato comprovado que por mais embasamento teórico que se busque e procure investir em sala de aula, não é suficiente para minimizar o problema.

“Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradoras de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. (...) Não posso estar no mundo de luvas na mão *constatando* apenas. A acomodação é apenas caminho para a *inserção*, que implica *decisão, escolha, intervenção* na realidade. (...)” (FREIRE, 1996, p. 86).

5 RECOMENDAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que não é somente com uma intervenção em sala de aula, que vai se resolver a questão da indisciplina; da auto – estima baixa; conseqüentemente a falta de interesse pelas aulas. É preciso investir na educação, desde a sua forma de organização; na formação continuada dos educadores; na infra-estrutura familiar, para que a família possa resgatar seus valores; e de posse destes, atuem junto à escola na promoção de uma educação de qualidade. A organização familiar é de suma importância, pois, para que haja a divisão do tempo das matérias introduzidas, é necessário que sejam reconhecidas e a assimiladas todos os dias.

É necessário também, um grande investimento na política de formação continuada do educador, e essa formação tem que ser consistente, e, sobretudo de qualidade. Além disso, que qualifique também os gestores e suporte pedagógico, para que em parceria possam enfrentar a questão da indisciplina na escola, falando a mesma linguagem e com a compreensão de que o problema não pode ser tratado isoladamente, mas em conjunto com os educandos e buscando a interação das famílias.

Ressalta-se, a relevância desta pesquisa para os meios acadêmicos, no sentido de se intensificar a investigação na busca de solução e/ou redução da indisciplina manifestada no âmbito escolar.

Referências

CURY, Augusto Jorge. Pais brilhantes / professores fascinantes. São Paulo: Sextante, 2003.

FERREIRA, P. V. P. IN: (org.) Relação entre aprendizagem e Desenvolvimento: Abordagem de Jerome Brunner. Módulo 3. Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento. Marlos Bezerra. Faculdade de Natal - FAL – RN. 2005, p. 39.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOTTA, Elias de Oliveira. A educação: Finalidade e conceituação como direito de todos e dever do estado e da família. In: MOTTA, Elias de oliveira. **Direito educacional no século XXI**: com comentários à nova Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Brasília: UNESCO. 1997.

REGO, Teresa Cristina. A indisciplina e o processo educativo: Uma análise na perspectiva Vygtskiana. In: AQUINO, Júlio Groppa. (org.) 1996. São Paulo: SUMMUS. p. 84 – 87.

MACEDO, Lino. Disciplina é um conteúdo como qualquer outro. Rev. nova escola. Ano 20 Nº 183, São Paulo: Abril, 2005.p. 24.

PCN: LINGUA PORTUGUESA / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília. 1997.p. 41.

SANTOS, Maristela Cruz. IN: (org.) Módulo: Tecnologia na Escola. Faculdade de Natal – FAL. RN. 2006.

TIBA, Içami. **Disciplina**: limites na medida certa. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELLOS, C. S. **DISCIPLINA**: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertd, 1995.

ZAGURY, Tânia. **TRIBUNA DO NORTE**. Jornal da Família. Natal / RN. Data: 21/05/06 p. 3.

_____ Rendimento do aluno está baixo. Natal / RN. Data: 09/07/06, p. 7.

ZAGURY, T. **Limites sem trauma**: construindo cidadãos. 33ª ed. Rio de Janeiro: Record. 2001.

GOIS, Antônio. **Repetência volta a crescer no ensino médio**. *Folha de São Paulo*, no Rio. Data: 22/09/03 – 02h30.

TAKAHASHI, Fábio. **País tem repetência maior que o Camboja**. *Folha de Paulo*. SP Data: 26/04/06 – 04h44.

WWW.folha.uol.com/folha/educação.